

ESTRATÉGIAS DE NEGOCIAÇÃO: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE RESENHAS ACADÊMICAS DA ÁREA DE HISTÓRIA SOB O VIÉS DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO- FUNCIONAL

Aline Silva (PUC-SP)¹
Claudio Carmo (UFSJ)²

RESUMO: Este trabalho apresenta um mapeamento e categorização dos adjuntos modais realizados por meio de advérbios simples que constroem significados na medida em que sinalizam a relação interpessoal construída pela autoria. Constitui o corpus da pesquisa exemplares de resenhas acadêmicas da área de História. Para a realização da análise apoiamos-nos metodologicamente na visão tridimensional da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001), adotando a concepção do gênero resenha proposta por Motta-Roth (2002) e as categorias propostas pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). Os resultados da pesquisa indicam que há um padrão de modalização estabelecido entre as diferentes resenhas, uma vez que foi encontrado o grau de usualidade, recorrente em quantidades próximas nas resenhas avaliadas. Em relação às marcas de autoria permitidas no gênero, observa-se que o resenhista constrói sua avaliação, em grande parte, de modo tênue, pois além do caráter de negociador, o resenhista busca também compartilhar seu discurso com o público leitor, aqui entendido como o autor da obra e os leitores em geral.

PALAVRAS-CHAVE: resenhas de História, adjuntos modais, modalização, identidade, resenhista

ABSTRACT: This research presents modal adjuncts mapping and categorization achieved through simple adverbs that build meanings while they signalize the interpersonal relationship that was done by the author. The research corpus is constituted of academic review exemplars of the History area. The analysis was methodologically supported by the three-dimensional view of the Critical Discourse Analysis (Fairclough, 2001) and it adopted the gender review conception proposed by Meurer and Motta-Roth (2002) and the categories conception proposed by the Systemic Functional Linguistics (Halliday and Matthiessen, 2004). The results of the research indicate that there is a standard modality established between the different reviews considering that it was found a recurrent usuality degree in quantities next to the evaluated reviews. Regarding the allowed marks in the gender, it is observed that the reviewer builds its assessment in a tenue mode, because besides the character of the negotiator, the reviewer also aims to share his speech with the reading public, in this case the author of the work and general readers.

KEYWORDS: review History, modal adjuncts, modality, identity, reviewer

1. INTRODUÇÃO

¹ Aline Silva (Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP/CAPES) alineflaviosilva@yahoo.com.br

² Cláudio Carmo (Professor Adjunto de Linguística e Língua Portuguesa e do Programa de Mestrado em Letras: Teoria Literária e Crítica da Cultura) (DELAC/UFSJ)/ (PROMEL/UFSJ) claudius@ufs.edu.br

Neste trabalho, pretendemos fazer uma (re) descrição das formas linguísticas que marcam a opinião e o posicionamento do resenhista e, por isso, sua identidade no gênero resenha produzido na área de História. Nesse sentido, pretendemos também, a partir de elementos estruturais da linguagem – especificamente os elementos linguístico-discursivos de modalização – perceber quais práticas discursivas estão sendo trazidas à tona.

O gênero resenha tem sido trabalhado por vários pesquisadores, como por exemplo, Motta-Roth (2002), Araújo (2009) e Vian Jr. e Ikeda (2009), uma vez que, no universo acadêmico, esse gênero tem grande importância tanto para garantir uma leitura eficaz quanto para a inserção e participação na comunidade. No entanto, acreditamos que fazer um estudo específico desse gênero em termos dos usos de modalização que ele contém pode contribuir para a compreensão das marcas de autoria permitidas para tal.

Tendo como premissa a visão das três metafunções de Halliday (1985, 1994) e Halliday & Matthiessen (2004), *ideacional*, ligada ao universo de idéias e conceitos veiculados; *interpessoal*, ligada ao aspecto interativo da linguagem e às relações sociais e de poder manifestas nos textos; e *textual*, ligada ao próprio sistema linguístico, elegemos como macrocategoria a metafunção interpessoal que será retomada em momento oportuno.

Teremos como microcategoria a modalização, dentro da qual faremos a avaliação do adjunto modal. Sendo assim, trataremos especificamente dos advérbios de temporalidade, modalidade, polaridade, intensidade (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), persuasão, suposição, obviedade, predição e validade (BERNARDINO, 2007), além de modo e certificação, que, em nossa compreensão, mais diretamente realizam a função de adjunto modal proposta na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF). Buscaremos perceber e analisar como, na área de História, o posicionamento do resenhista é construído, diluído ou afirmado.

Poderemos, com isso, analisar se e por que determinados modais possuem maior ocorrência no gênero e qual o possível impacto dessa recorrência no meio em que o gênero circula. Nossa análise se subsidiará na proposta tridimensional de Fairclough (2001), por meio da qual avaliaremos, além da prática textual, a prática discursiva e a prática social, as quais

permitirão verificar os discursos recorrentes nas resenhas e as relações de poder que envolvem o engajamento do resenhista em relação à obra resenhada. Além disso, faremos uma avaliação e descreveremos como é feita a composição das resenhas na área de História, utilizando como padrão o modelo construído por Motta-Roth (2002).

Para essa análise são utilizadas 10 resenhas da área de História, sendo 05 publicadas na Revista *Tempo* – (UFF) e 05 na *Revista de História* da Universidade de São Paulo – (USP). As revistas pertencem à classificação Qualis (CAPES), estrato B, na categoria Ciências Sociais Aplicadas e Antropologia/Arqueologia, respectivamente, e são orientadas especificamente para a área de História. Para uma melhor compreensão da análise, utilizamos as siglas TE e RH, para as respectivas revistas, que estarão numeradas sequencialmente de 1 a 5, tomando como parâmetro o ano de publicação dos textos.

2. METAFUNÇÃO INTERPESSOAL: A MANIFESTAÇÃO DOS ADJUNTOS MODAIS

Sob o ponto de vista da Gramática Sistêmico-Funcional, de acordo com Halliday & Matthiessen (2004), dentro da metafunção interpessoal, durante a análise do modo (*mood*), o pesquisador deve se ater a duas categorias principais: o sujeito, quem o falante quer tornar responsável pelo valor da proposição, e o finito, dentro do qual se avalia o julgamento do falante (modalidade: probabilidade, usualidade, obrigação, inclinação ou habilidade; alta, média ou baixa). O restante é chamado de *resíduo*, como se pode ver em: São [*finito modal*] histórias curtas quase [*adjunto modal*] descartáveis [*resíduo*].

Segundo Halliday & Matthiessen (2004), de forma mais específica, há dois tipos de modalidade, sendo: (i) *modalização*, na qual o grau de probabilidade varia do *sim* ao *não*; além disso, estão incluídos os graus de probabilidade: *possivelmente*, *provavelmente*, *certamente* e graus de usualidade: *usualmente*, *sempre*; (ii) *modulação*, na qual se avalia o grau de polaridade e estão inclusos dois tipos de possibilidades intermediárias, que

são: graus de obrigação: *permitir, supor, dever*, e graus de inclinação: *querer, ansiar*, etc.

Portanto, para os autores, modalidade se institui entre os graus intermediários que estão entre os pólos positivo e negativo, tratando-se de uma expressão de indeterminação para construir a região de incerteza que jaz entre o *sim* e o *não*.

Nossa análise recai sobre a modalização, e de forma ainda mais específica, sobre os adjuntos modais expressos por meio de advérbios simples, como o *quase* do exemplo acima. Nesse contexto levamos em conta as considerações de Vicente (2009), pois, *o sistema de modalidade carrega a avaliação do falante sobre a verdade de sua mensagem, ou ainda, apresenta o comprometimento e a responsabilidade sobre esta mensagem emitindo juízo de valor (...)* (p.8).

A metafunção interpessoal da linguagem está, pois, relacionada com os papéis e as relações que os falantes constroem no ato das trocas interativas, pois se observa que há um posicionamento do autor em relação ao público leitor que o leva a criar modos para se expressar, o que nos leva a entender que sua origem é determinada por um propósito dentro de um contexto.

É importante destacar que entre os dois tipos básicos de modalidade (deôntica e epistêmica), priorizamos a epistêmica, levando em conta a conceituação de Neves (2007, p 164), pois, segundo ela, trata-se de uma modalização que *necessariamente se relaciona com a fonte do conhecimento, com a qual o falante pode não estar comprometido*. Considera-se que esse tipo de modalidade também indica o grau de engajamento do falante em relação à verdade do que é dito.

Na descrição dos adjuntos modais, é importante destacar que, de acordo com Halliday & Matthiessen (2004), os adjuntos de temporalidade relacionam-se ao tempo interpessoal dêitico e indicam tempo próximo ou remoto, passado ou futuro, focalizando o tempo relativo ao agora do falante. Além disso, focalizam o aspecto temporal relacionado ao preenchimento das expectativas do falante (além ou aquém do esperado) com respeito ao tempo em questão.

No que se refere aos adjuntos modais de intensidade, segundo Halliday & Matthiessen (2004), eles se classificam como graus de intensidade: total, alta

ou baixa; em relação à expectativa: além ou aquém do esperado de acordo com as atribuições.

De acordo com Bernardino (2007), quanto aos adjuntos de preenchimento das expectativas, seus significados dizem respeito à *expressão de significados positivos (realmente, de fato) ou negativos (somente, apenas) em relação ao que é esperado pelo falante* (p. 86-87). Podemos perceber que há uma similaridade entre adjuntos modais de temporalidade e de intensidade no que se refere ao preenchimento da expectativa.

Conforme proposto por Halliday & Matthiessen (2004), os adjuntos modais de comentário são avaliados por meio de uma subdivisão, dentre os quais temos: predição (*surpreendentemente*), validade (*geralmente*), suposição (*supostamente*), persuasão (*honestamente*), obviedade (*obviamente*), dentre outros (p. 130).

Sendo a Linguística Sistêmico-Funcional uma teoria que vê a linguagem em termos das escolhas, descritas em nível funcional, que o falante realiza no sistema da língua em contextos particulares de uso, compreendemos que o vocabulário surge de acordo com a necessidade do falante e nesse sentido avaliamos a presença dos adjuntos modais de modo e certificação, ambos característicos do julgamento do resenhista sobre a obra resenhada.

Na microcategoria da modulação, é importante analisar o adjunto modal de polaridade, que trata da construção das negações, pois caracteriza a escolha entre positivo e negativo, isto é, entre o *sim* ou *não*. Nesse ponto, é importante destacar a diferenciação que Bernardino (2007) faz: *em português, diferentemente do inglês, a noção de polaridade não está no Finito, mas nos adjuntos modais de polaridade que, via de regra, estão posicionados junto ao Finito na organização sintagmática da oração* (p. 83). Isso pode ser visto na estrutura: *Ela [sujeito] não [adjunto modal de polaridade/polarizador] pode [finito modal] agir desse modo [resíduo]*.

3. A CONSTRUÇÃO DO GÊNERO RESENHA ACADÊMICA: PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO POR MEIO DA INTERAÇÃO ENTRE OS PARES

Avaliar o gênero sob a perspectiva da gramática sistêmico-funcional é entendê-lo como prática social que medeia o discurso em diferentes contextos (situacionais e culturais). Nesse sentido, entendemos que o gênero resenha apresenta um alto teor discursivo ao moldar um lugar de onde se posiciona, uma forma descritiva/avaliativa e a maneira pela qual se constrói o ouvinte/leitor endereçado.

Segundo Araújo (2009), a construção das resenhas é tanto pessoal quanto institucionalizada, pois os resenhistas associam a obra resenhada a um sistema de valores estabelecidos socialmente por membros de uma comunidade discursiva. Nesse contexto é importante destacar que, para Swales (1998), a noção de gênero e comunidade discursiva estão estreita ou intrinsecamente relacionadas, assim, ele *propõe a comunidade discursiva de um lugar como um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas e têm uma noção estável dos objetivos do grupo e ao mesmo tempo percebem a possibilidade de mudanças nos objetivos.*(p.197)

De acordo com Motta-Roth (2002, p. 93), baseada na perspectiva de Swales (1990), o gênero resenha compreende quatro movimentos retóricos efetuados por onze estratégias retóricas (passos), conforme o arquétipo a seguir.

Quadro I: Descrição esquemática da organização em resenhas acadêmicas

Mov. 1 – Apresentando o livro	Mov. 2 - Esquemmatizando o livro
Passo 1 - Definindo o tópico geral do livro Passo 2 - Informando sobre a virtual audiência Passo 3 - Informando sobre o autor Passo 4 - Fazendo generalizações Passo 5 - Inserindo o livro na área	Passo 6 - Delineando a organização geral do livro Passo 7 - Definindo o tópico de cada capítulo Passo 8 - Citando material extratexto
Mov. 3- Ressaltando partes do livro	Mov. 4- Fornecendo avaliação final do livro
Passo 9 - Avaliando partes específicas	Passo 10 - Qualificando ou desqualificando o livro Passo 11 - Qualificando o livro apesar das falhas

Essa organização indica as predileções de cada disciplina, o que é bem esclarecido pela autora:

[...] membros da disciplina avaliam novas produções de conhecimento, primeiramente contextualizando o livro por meio da definição de seu tópico e de sua relação com o conjunto da literatura da área. Em seguida, esses resenhadores oferecem uma descrição das partes do livro, avaliando pontos específicos. Por fim, é prerrogativa desses profissionais recomendarem ou não a leitura do livro. (MOTTA-ROTH, 2002, p. 93).

Nessa construção interativa, os resenhistas organizam o enunciado e definem seus papéis na interlocução, ora com marcas explícitas de avaliação, ora com a recorrência aos adjuntos modais.

4. ANÁLISE

4.1 PRÁTICA TEXTUAL: RECORTE DOS ADJUNTOS MODAIS

Ao fazer o mapeamento e categorização dos adjuntos modais realizados por meio de advérbios simples, que constroem significados na medida em que se constituem por meio da relação interpessoal indicada nos exemplares das resenhas, observamos um total de 187 adjuntos modais nas resenhas da Revista TE, enquanto na Revista RH contabilizamos um total de 241 modais.

Nas resenhas da revista TE, os adjuntos modais presentes, de acordo com a quantidade, foram, respectivamente, polaridade, intensidade, tempo, validade, usualidade, persuasão, probabilidade, suposição e obviedade. Já nas resenhas da revista RH, aparecem polaridade, intensidade, tempo, validade, usualidade, persuasão, probabilidade, modo, predição, suposição, certificação e obviedade.

Nas resenhas de ambas as revistas, há maior ocorrência dos adjuntos modais de polaridade negativa. Entendemos, assim, que os resenhistas produzem significados interpessoais ao construírem negações e demarcam a avaliação da obra resenhada demonstrando uma contrariedade em relação a algo que talvez ele ou o leitor esperassem encontrar na obra. Com essa estratégia, cria-se um elo interativo e constante com o leitor. No exemplo (1), fica explícita a negação que o resenhista faz de uma atitude de escrita do autor que talvez pudesse ser esperada na obra resenhada.

- (1) O problema é que o autor *não* relativiza essa posição afastando-se da reflexão histórica e sociológica. (RH 05)

Os adjuntos modais de intensidade também se destacam em alta porcentagem em ambas as resenhas, o que revela sinais de modalização por meio do grau de envolvimento e do nível de expectativa dos resenhistas diante das obras às quais se dedicam. Observamos que, por meio da troca interativa, o autor adota para si um papel discursivo e sinaliza um papel complementar para seu público leitor, conforme se verifica no exemplo:

- (2) Mas ele concentra atenções *somente* nos centros especializados contemporâneos, vinculados ou mantidos diretamente pelos clubes, por entender que hoje não se produzem mais futebolistas profissionais fora deles. (RH 02)

- (3) Mesmo assim, é um estimulante relato a respeito dessa história de idéias, adaptações, morte e construção imperial que merece ser lido não *apenas* pelos especialistas em nazismo ou em políticas imperiais, mas por todos os interessados em estudar o processo (...) (TE 05)

A recorrência do tipo *adjunto modal indicador de intensidade* revelou, na maioria das ocorrências, um grau *baixo* e, como preenchimento da expectativa, *aquém do esperado*. Isso demonstra que o resenhista, assim como constrói negações de alguma expectativa da obra, também prioriza destacar qual o foco da obra resenhada, limitando também a expectativa do leitor. Por esse motivo, também revela que a obra (só) se volta para determinado ponto, conforme podemos analisar no exemplo (2). Por outro lado, há também casos em que o resenhista utiliza a negação associada a um modal de intensidade para intensificar a qualidade da obra resenhada, conforme o exemplo (3), evidenciando que ela pode atingir diferentes públicos.

Em relação ao adjunto modal de temporalidade, em sua forma dialógica, no exemplo a seguir, avaliamos que o resenhista utiliza um modal (ainda) que se refere a um tempo remoto e demonstra um julgamento crítico sobre o assunto, o que é verificável pelo uso da expressão “mesmo com o advento do rádio”, em que ele critica o fato de a profissionalização ainda ser precária, uma vez que houve o advento do rádio.

(4) De certa forma, esse futebol popularizado, assim como os músicos que lutavam pela profissionalização, *ainda* precária, mesmo com o advento do rádio, representavam grande parte da população pobre das grandes cidades brasileiras a viver na fronteira entre a ordem e a desordem. (RH 05)

Nesse contexto de troca, podemos avaliar também recorrências do adjunto modal de temporalidade em casos como no exemplo (5). Neste, o resenhista destaca para o leitor que a obra resenhada expõe algo que se caracteriza como adiantado (já) e há algum tempo (conforme o uso do verbo no passado - estava). Nesse contexto ele compartilha com o leitor essa avaliação da temporalidade, permitindo ao leitor posicionar-se também frente ao que lê.

(5) Em síntese, os artigos procuram sustentar a concepção de que a gênese do projeto desenvolvimentista *já estava* configurada desde o início da República na figura do próprio João Pinheiro. (TE 02)

Sobre os adjuntos modais de validade, foi possível verificar que possuem alta recorrência em ambas as revistas. Entendemos que essa escolha revela uma forma de validar autenticidade do conteúdo da proposição, ou seja, é uma forma de convencer o leitor da validade do enunciado, conforme avaliado no exemplo a seguir:

(6) Um ponto interessante do livro, igualmente, é quando ele começa a discutir o significado de raça e política racial dentro do pensamento nazista e, *especialmente*, as inúmeras adaptações que a doutrina racial teve que se submeter para se tornar minimamente prática na organização do novo Império. (TE 05)

Já no emprego do adjunto modal de usualidade, na maioria dos casos, o resenhista busca destacar seu conhecimento do assunto abordado na obra para qual se volta, o que lhe confere credibilidade, como no exemplo seguinte:

(7) Dessa forma, a relação futebol-música é *sempre* sincrônica, incidental e episódica, movida por relações pessoais. (RH 05)

Podemos observar que a modalidade expressa pela modalização se apresenta por meio do equilíbrio entre o número de adjuntos modais de usualidade presente em ambas as revistas analisadas, o que leva a inferir que a modalização é uma forma que o resenhista utiliza para se autenticar como

um especialista sobre o que fala e também para julgar como o autor da obra resenhada apresenta seu objeto de trabalho, conforme o exemplo (8):

(8) *Novamente* a autora discorda frontalmente com interpretações consolidadas na historiografia, que imputavam tais roubos a situações de instabilidade política e econômica ou à “desordem” social por ocasião da independência. (TE 03)

Quanto aos adjuntos modais de persuasão, verificáveis em pequeno número, mas presentes em ambas as revistas, podemos perceber que se trata de uma forma que o resenhista utiliza para se aproximar do leitor, tentando convencê-lo de que afirma algo sob uma base confiável de sustentação e, diante disso, tenta levá-lo a concordar com o que ele enuncia, conforme o exemplo (9):

(9) Foi com base nisto que eles construíram suas políticas, numa combinação de tradição e novidade *realmente* notável. (TE 05)

Em referência ao adjunto modal de probabilidade, é notório que o resenhista se apropria de um adjunto que não focaliza o grau de certeza sobre parte da obra resenhada, mostrando para o leitor que não há um julgamento único e preciso. Ele também propõe um convite para que esse leitor avalie a resenha para posicionar-se em seu favor ou contra, conforme os exemplos a seguir:

(10) Nem as palavras, nem as coisas, mas como o saber pode servir aos objetivos mundanos dos homens *talvez* seja a grande questão de Viagens ultramarinas. (RH 01)

(11) O nazismo levou o racismo biológico ao seu máximo desenvolvimento, mas as idéias de assimilação cultural e linguística também estavam presentes, sendo judeus e ciganos, *provavelmente*, os únicos aos quais essa possibilidade foi cem por cento negada. (TE 05)

O adjunto modal de predição destaca, além de um esclarecimento sobre parte da obra, uma quebra da expectativa por parte do resenhista diante do que avalia, como podemos confirmar no exemplo a seguir:

(12) Tal obra funciona como história mítica que vai sendo atualizada adequando-se às demandas de construção de identidade e/ou às denúncias

antirracistas, *independentemente* do piso sociológico, histórico ou antropológico do qual os textos afirmam partir. (RH 03)

É importante destacar que, embora haja presença dos modais de suposição, eles são em pequena porcentagem, conforme podemos avaliar pelo gráfico, o que indica que o resenhista se preocupa em não enfraquecer suas proposições, enquanto alguém que não tem certeza quanto à veracidade do conteúdo proposicional. Essa sua posição também é confirmada pela maior presença dos adjuntos modais de validade, conforme explicado anteriormente.

Outra forma de julgamento dos resenhistas é o uso do adjunto modal de obviedade, sendo presente apenas um exemplo em cada revista. Esse modal revela o intuito dos resenhistas de construir um argumento que seja tido como algo que é irrefutável e assim conduzir o leitor a receber o enunciado como aceitável, conforme o exemplo:

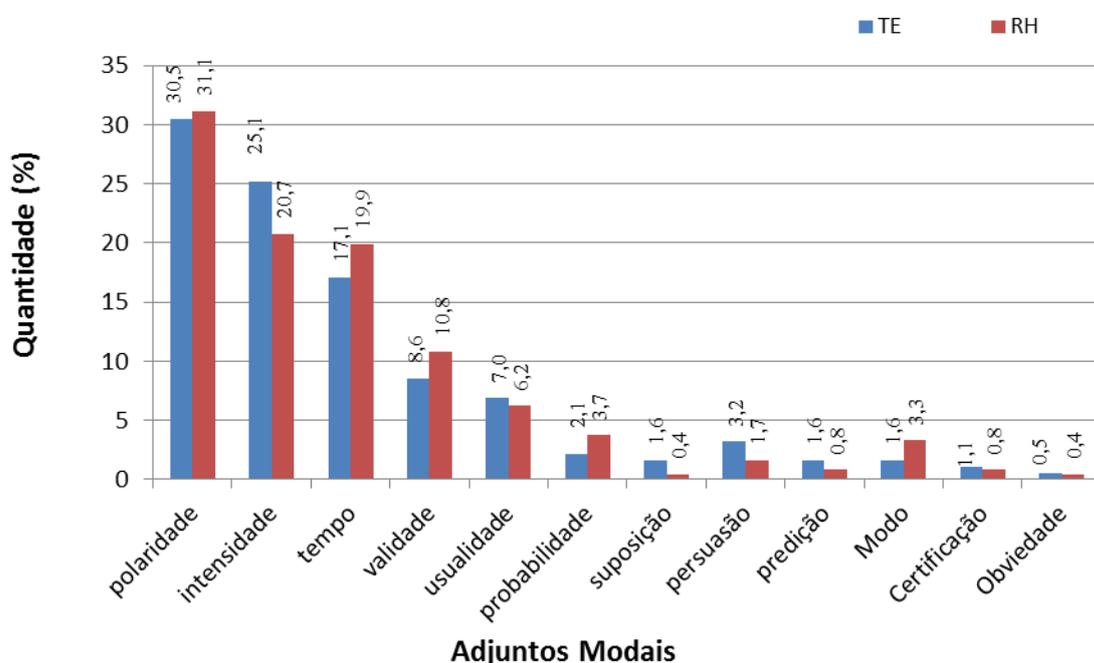
(13) Fernando Novais e Ciro Flamarion Cardoso, trafegando no paradigma marxista e econômico, deram a partida; mas de lá pra cá, o tema das redes, uma nova história política e as críticas ao conceito de absolutismo problematizaram e enriqueceram o tema, o que, *obviamente*, não desqualifica o seu ponto de partida.

Os adjuntos modais de modo e de certificação apresentam a forma como os resenhistas oferecem julgamento da obra e certificam a proposição, respectivamente. No exemplo (14), observamos que o resenhista nos mostra de que maneira ele considera que foi construída a história do livro para o qual se volta, usando um modal que especifica também uma área do conhecimento (escrita literária). Já no exemplo (15), avaliamos que o resenhista busca mostrar-se convicto do que enuncia, assim negocia também com o leitor a aceitação do que ele evidencia em seu julgamento.

(14) As aventuras e desventuras desse protagonista, até então quase anônimo, são apresentadas numa sequência de quarenta capítulos, em sua maioria, curtos e construídos *literariamente* de maneira a prender o leitor e desconcertar o historiador, sobretudo aquele mais tradicional. (TE 04)

(15) A formação *propriamente* dita inicia-se nas categorias de base aos quinze anos e pode se estender até os vinte. (RH 02)

Os tipos bem como a quantidade de adjuntos modais são descritos em porcentagem no gráfico exposto a seguir:



Como pudemos verificar, o uso de adjuntos modais ajuda a delinear o gênero resenha acadêmica na área de História como um recurso importante da construção do texto no que tange às formas de avaliação e negociação com o produtor das resenhas. Tal recurso é usado de forma similar tanto na Revista TE quanto na Revista RH, o que corrobora nossa hipótese de que existe um padrão de uso desse recurso linguístico na área.

O padrão se evidencia pelo equilíbrio que o resenhista constrói, pois, ao mesmo tempo em que se posiciona de maneira crítica utilizando os adjuntos modais de polaridade negativa e intensidade com grau baixo, ele molda o discurso negociando com o leitor, fazendo escolhas de outros adjuntos modais como os de probabilidade e usualidade.

4.2 PRÁTICA DISCURSIVA

Investigando sobre a prática discursiva que, segundo Fairclough (2001), envolve *produção*, *distribuição* e *consumo*, voltamo-nos para a avaliação da intertextualidade e interdiscursividade. Na intertextualidade, avaliamos a

recorrência ao discurso direto, que pode ser usado para construir ou mostrar o discurso representado, ou ainda, para reproduzir as palavras exatas usadas. Aqui levamos em conta a noção de Fairclough (2001) sobre o discurso representado, pois, ao selecionar palavras para citar o que o outro disse, há uma representação discursiva.

Além disso, há também o discurso indireto, que é ambivalente, uma vez que deixa-nos incertos acerca da reprodução fiel ou não das originais. O exemplo a seguir trata-se de um caso de discurso direto em que o resenhista busca identificar a voz do autor da obra resenhada:

(16) Para Dulci, o termo desenvolvimento, no campo socioeconômico, é “uma idéia referente à superação intencional de uma situação de atraso relativo”. (TE 02)

No exemplo (17), o resenhista faz uso da expressão entre aspas indicando uma voz externa e evoca um discurso que ele acredita que é algo partilhado socialmente:

(17) Em tempo de Copa do Mundo, assistimos ao surgimento, nas prateleiras das livrarias, de inúmeras publicações que tratam da “maior paixão brasileira”: o futebol. (RH 01)

Há também a recorrência ao argumento de autoridade, por meio do qual o resenhista destaca a voz de outra pessoa que já havia comentado sobre a obra. Isso corrobora sua iniciativa para reforçar sua argumentação e minimizar dificuldades de aceitação dos argumentos do texto, conforme o exemplo:

(18) O que é destacado positivamente por Jorge Ferreira, no prefácio à obra, quando afirma que o jogo atua “como uma ‘janela’ para Denaldo observar as relações entre Estado e sociedade no Brasil” (p. 15). (RH 04)

No que tange à análise da interdiscursividade, nossa investigação se deu na busca de itens lexicais e expressões que indicavam discursos oriundos de várias áreas, e verificamos que, na análise lexical, as resenhas apresentam uma recorrência a discursos semelhantes (social, político, identitário, econômico, histórico, religioso, familiar) nas duas revistas analisadas. Somente

o discurso geopolítico indicado pelos itens lexicais se limita a duas resenhas da revista TE.

A presença desses discursos destaca que, embora haja temáticas diferentes abordadas pelas revistas, trata-se de itens lexicais semelhantes que são recorrentes na área de História. Além disso, essa padronização evidenciada por esses discursos permite entender que, para que se forme o discurso da área de História, recorre-se a determinadas escolhas interdiscursivas.

Avaliamos que, ao discorrer sobre uma nação, como ocorre na área de História, é imprescindível que questões relativas à sua formação passada e atual sejam levadas em consideração, para que os discursos envolvam a construção do social como um todo.

4.3 PRÁTICA SOCIAL

Sendo a prática social focada nas questões de ideologia, poder e hegemonia, o discurso é entendido como modo de ação e representação envolvido com a estrutura social e possibilidades de mudança social.

Conforme Fairclough (2001) esclarece, a prática discursiva contribui para reproduzir a sociedade, o que é avaliado por meio das identidades sociais, relações e crenças, mas também contribui para transformá-la, pois a identidade é moldada sócio-historicamente pelas relações de poder manifestadas nas práticas discursivas.

Nossa análise permite perceber que a modalidade se associa aos diferentes discursos de modo a permitir ao resenhista estabelecer seu julgamento da obra, levando em consideração a relação interpessoal com o leitor e as convenções sociais e do próprio gênero.

Podemos perceber que a construção das resenhas na área de história é feita por meio de estratégias que buscam legitimar um padrão a ser seguido por aqueles que necessitam escrever esse gênero, e tais estratégias envolvem negociações em torno do poder de escrita apresentando determinados discursos como vimos pela prática discursiva e adotando o uso da modalidade.

Em vista disso e, por inserir-se em um contexto em que dialoga com outros pesquisadores, o resenhista busca outros recursos para chamar a atenção do leitor para o que ele deseja enfatizar em sua avaliação da obra resenhada, o que também pode levar o leitor a se posicionar criticamente no momento em que se interessa pela leitura da obra. São exemplos desses julgamentos o uso de adjetivos e circunstâncias colocados em itálico nas exemplificações abaixo:

(19) Mas *é interessante* observar o impacto nacional da reunião, pois as conclusões do congresso não se restringiram a pensar a economia regional, mas direcionaram-se no sentido de formular medidas globais para a economia nacional. (TE 02)

(20) *Outro aspecto importante* levantado pela autora é a interpretação (...) (TE 03)

(21) O que o livro apresenta *está longe de ser* uma análise sobre as relações entre duas manifestações populares de suma importância como a música e o futebol. (RH 05)

Conforme se pode observar, todo julgamento dos resenhistas é feito por meio de polidez, pois é previsível a formação de opiniões diferentes e, como bem esclarece Fairclough (2001, p. 204), *as convenções de polidez particulares incorporam, e seu uso implicitamente reconhece relações sociais e de poder particulares, e, na medida em que se recorre a elas, devem contribuir para reproduzir essas relações.*

Toda negociação apresenta o conteúdo sociocultural e ideológico presente no gênero indicando a preocupação do resenhista em mostrar para o leitor a importância da obra resenhada para a comunidade acadêmica. Além disso, no nível do interdiscurso, torna-se evidente como a área de História busca tratar de assuntos que abrangem o social como um todo, pois as resenhas analisadas tratam de fatos que fazem parte da história de um país.

No que confere à avaliação da hegemonia, adotamos o conceito de Gramsci, empregado pela Análise Crítica do Discurso, entendido como *construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento* (FAIRCLOUGH, 2001, p. 122). Nesse contexto, avaliamos que, ao adotar padrões genéricos e de modalização e discursos

semelhantes, o resenhista constrói alianças com o autor do texto resenhado e com o público leitor em geral, mostrando estratégias que podem ser adotadas dentro do gênero.

4.4 DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA RETÓRICA DAS RESENHAS

Na tentativa de descrever a estrutura retórica das resenhas acadêmicas na área de História, utilizando o modelo proposto por Motta-Roth (2002), esboçamos o protótipo de uma dentre as dez resenhas que compõem o *corpus* utilizado, que apresenta as estratégias mais usualmente empregadas pelos resenhistas no gênero em apreço:

Quadro IV: Descrição da organização das resenhas da área de História

Apresentando o livro- (definindo o tópico geral- 1º §)- O livro de Ronald Raminelli - professor na Universidade Federal Fluminense - busca compreender as maneiras pelas quais a escrita e a produção do saber dos vassalos portugueses se integraram ao mecanismo régio de distribuição de mercês e, por isso mesmo, fizeram parte do rol de instrumentos que mantiveram o controle sobre o vasto império de Portugal.

Apresentando o livro (inserindo o livro na área - 1º §)- Há muito a historiografia sobre o período colonial vem sendo revista por novas teses que compartilham perspectivas inovadoras e dialogam com o que há de mais recente no meio historiográfico internacional.

Esquemmatizando o livro (organização geral da obra- 5º §)- As aventuras e desventuras desse protagonista, até então quase anônimo, são apresentadas numa sequência de quarenta capítulos, em sua maioria, curtos e construídos literariamente de maneira a prender o leitor e desconcertar o historiador, sobretudo aquele mais tradicional.

Esquemmatizando o livro (Definindo o tópico de cada capítulo- 3º §)- O primeiro momento desses trabalhos narra a chegada do futebol ao Brasil e enfatiza a segregação dos negros e dos pobres; o segundo relata suas lutas e resistências e o terceiro descreve a democratização, ascensão e afirmação do negro no futebol.

Ressaltando partes do livro (avaliando partes específicas- 10º §)- Outro aspecto importante levantado pela autora é a interpretação vigente em certa historiografia que considerava os ataques, entendidos como protagonizados pelos índios, como uma manifestação de resistência à sociedade colonial.

Fornecendo avaliação final (recomendando o livro ou desqualificando 13º §)- Se não por essa razão, o livro merece ser lido apenas por apresentar, de maneira cativante, a história de Leônidas da Silva, um dos mais importantes jogadores do futebol brasileiro do século XX.

No movimento destinado à apresentação do livro, é importante observar que há estratégias como “definindo o tópico geral do livro” e inserindo o “livro na área”, recorrentes no mesmo parágrafo, já que podem estar relacionadas. Por outro lado, não há informação sobre a virtual audiência nem generalizações, conforme poderia ser esperado de acordo com o modelo de Motta-Roth (2002). Isso talvez se deva ao fato de projetar um público alvo maior.

Na parte destinada à esquematização do livro, há delineamento da organização geral da obra, destacando a divisão em capítulos, mas há também exemplos em que se descreve a organização sem falar nessa divisão. A “definição do tópico de cada capítulo” também foi recorrente na maioria das resenhas analisadas.

No que se refere à parte “Fornecendo avaliação final”, verificamos a recomendação da obra, embora possa haver ressalvas, o que revela o intuito dos resenhistas de mostrar o seu parecer da obra para o leitor e levá-lo a se interessar pela obra, tanto para concordar com o que ele expõe como para refutar a indicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi investigado e explicitado, podemos perceber um padrão de modalização estabelecido entre as diferentes resenhas, já que é nelas que está incluído o grau de usualidade, recorrente em quantidades próximas nas revistas avaliadas.

Entendemos que o gênero resenha permite que seu autor concorde total ou parcialmente com a obra a que se dedica. Assim, nas resenhas avaliadas, notamos que, embora haja alta presença dos adjuntos modais polarizadores e de intensidade com grau baixo, o resenhista constrói sua identidade posicionando-se como alguém que avalia a obra resenhada de forma bastante polida, buscando mostrar que ainda há muito para ser avaliado na obra.

Fator relevante também verificado é que, embora em quantidade mínima, mas bastante significativa por se apresentar em mesmo número em ambas as revistas, o que demonstra que se trata de algo imprescindível para a

área, o adjunto modal de obviedade destaca que o autor tenta convencer o leitor de questões consideradas evidentes e que, portanto, não devem ser contestadas.

Em relação às marcas de autoria permitidas no gênero, observamos que o resenhista constrói sua avaliação, em grande parte, de modo tênue, pois, além do caráter de negociador, o resenhista busca também compartilhar seu discurso com o público leitor, aqui entendido como o autor da obra e os leitores em geral.

Observamos que os resenhistas mostram-se altamente comprometidos com a função a que se dedicam, o que é corroborado pelos movimentos retóricos utilizados para a construção da resenha. Conforme verificado, nas resenhas analisadas, há uma forma típica de construção textual a qual traz (1) uma abordagem sobre o tópico geral que a obra destaca; (2) como essa composição se insere na área de pesquisa; (3) como ela é organizada em seus capítulos e assuntos; (4) avaliação das partes específicas e (5) revelação da relevância de se obter a obra para leitura.

De qualquer modo, é importante destacar que os resenhistas mostram-se comprometidos com o que divulgam, pois a construção das resenhas é envolta em relações de alianças e integração de discursos. Nesse sentido, eles constroem uma identidade moldada pelas relações de poder, articulando o discurso de modo a se mostrarem especialistas na área e buscarem alcançar uma posição de respeitabilidade e de aceitação frente a seus pares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, A. D.. O gênero resenha acadêmica: organização retórica e sinalização lexical. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Orgs.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas**: um diálogo com John Swales. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 77-93.

BERNARDINO, C. G.. **O Metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos.**

Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2nd. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3rd. Ed. London: Edward Arnold, 2004.

MOTTA ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J.L.; MOTTA ROTH, D.(Orgs.). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino da linguagem. Bauru: EDUSC, 2002, p.77-116.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2007.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. New York: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. **Other floors, other voices**: a textography of a small university building. London: Lawrence Erlbaum, 1998.

VIAN JR., O.; IKEDA, S. N. O ensino do gênero 'resenha' pela abordagem sistêmico-funcional na formação de professores. **Linguagem & Ensino** (UCPel), v. 12, p. 13-32. 2009.

VICENTE, J. F. A polaridade no discurso do raizeiro: identidade e/ou avaliação?. In: **VIII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal (ENIL)** - Estudos do Discurso: diferentes perspectivas. Bauru: Ideia Editora Ltda, 2009. p. 01-10.